

Sangramento poético: o corpo feminino como resistência em *Sangria*

Sangrado poético: el cuerpo femenino como resistencia en la sangría

Pilar Lago e Lousa¹

Resumo

Pensar a história do Brasil pela perspectiva de um útero, como num ciclo menstrual, é a proposta ousada que Luiza Romão nos apresenta em seu segundo livro, *Sangria* (2017: Selo do Burro). São vinte e oito poemas que deflagram as múltiplas violências que acometem as mulheres. Sob a ótica da perspectiva decolonial, a poeta entrelaça raça, gênero e classe para desconstruir mitos, tabus e estereótipos que têm ao longo de nossa história colocado a mulher no lugar do outro, do abjeto. Partindo do corpo feminino, são reveladas as fraturas e fendas de uma sociedade cujas práticas machistas e racistas tem ceifado vidas diariamente. *Sangria* é um grito que rompe silêncios e modula discursos contra hegemônicos, alinhando a literatura à uma demanda social de mulheres por reconhecimento e escuta. Esta comunicação oral tem como proposta analisar fazer a leitura e análise de alguns poemas de *Sangria* sob a perspectiva da teoria crítica feminista e evidenciar de que maneira a literatura é colocada em debate para se caracterizar como ferramenta de transformação social. Utilizaremos as chaves teóricas dos estudos de gênero e dos estudos decoloniais, bem como o arcabouço teórico de autoras como: Ana Maria Colling, Guacira Louro; Ochy Curiel; Sueli Carneiro; e Yuderkis Miñoso.

Palavras-chave: Estudos de gênero; Estudos decoloniais; Luiza Romão; Poesia brasileira contemporânea; Sangria.

Resumen

Pensar la historia de Brasil desde la perspectiva de un útero, como en un ciclo menstrual, es la propuesta atrevida que nos presenta Luiza Romão en su segundo libro, *Sangria* (2017: Selo do Burro). Son veintiocho poemas que revelan la violencia múltiple que afecta a las mujeres. Desde la perspectiva decolonial, la poeta entrelaza raza, género y clase para (de)construir mitos, tabúes y estereotipos que a lo largo de nuestra historia han colocado a la mujer en el lugar del otro, lo abyecto. Partiendo del cuerpo femenino, se revelan las fracturas y fisuras de una sociedad cuyas prácticas sexistas y racistas han tomado vidas todos los días. *Sangria* es un grito que rompe los silencios y modula los discursos contra hegemónicos, alineando la literatura a una demanda social de las mujeres que quieren ser reconocidas y escuchadas. Esta comunicación oral propone leer y analizar algunos de los poemas de *Sangria* desde la perspectiva de la teoría feminista crítica y mostrar cómo la literatura se pone en debate para caracterizarse como una herramienta de transformación social. Serán utilizados las claves teóricas de los estudios de género y de los estudios decoloniales, y también serán utilizados los marcos teóricos de autoras como: Ana Maria Colling, Guacira Louro; Ochy Curiel; Sueli Carneiro; e Yuderkis Miñoso.

Palabras clave: Estudios de género; estudios decoloniales; Luiza Romão; Poesia contemporánea brasileña; Sangria.

O feminismo decolonial tem apontado questões importantes para compreender o contexto de países e sociedades que estão ao sul global e cuja herança escravocrata, e seus ecos na história recente, dinamizam as relações de gênero e raça tanto na perspectiva individual quanto coletiva. Nesse sentido, Yuderkis Espinosa Miñoso, filósofa decolonial dominicana, aponta para a necessidade de realizar um outro tipo de arquivamento da ancestralidade e

¹ Doutoranda em Teoria Literária e Bolsista Capes; Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, Campinas, São Paulo, Brasil; pilarbu@gmail.com.

genealogia dentro da América Latina, ao dizer que “fazer uma genealogia permite que nos afastemos do presente para observar as condições de possibilidade que nos constituem. Observar esses a priori para problematizá-los e desnaturalizá-los” e assim “traçar a história das práticas para desnaturalizá-las, para observar como e em que momento surgiram e por quê” (MIÑOSO, 2020, kl 1847). É preciso olhar para o passado, desconstruí-lo para (re)construir novas práticas sociais e literárias que se distanciem da violência e emancipem subjetividades tradicionalmente obliteradas.

Nesse sentido, é importante resgatarmos o pensamento de Ochy Curiel, que nos chama atenção para a necessidade do posicionamento decolonial feminista na construção de uma nova realidade, que module novas epistemologias, que não se vinculem apenas aos estudos eurocentrados, para tentar dar conta das realidades ao sul global: “tanto a raça quanto o gênero, a classe, a heterossexualidade etc. são constitutivos da episteme moderna colonial; elas não são simples eixos de diferenças, são diferenciações produzidas pelas opressões, de maneira imbricada, que produzem o sistema colonial moderno” (2020, posição 2500). No Brasil, país de herança escravocrata e cujas práticas decoloniais violentaram profundamente a vida de mulheres, tais questões urgem ser colocadas em debate para que possamos avançar em quesitos que são tão caros para a saúde física, emocional e psicológica de mulheres. Sabemos agora, conforme dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2020), que mesmo em um contexto de pandemia global a violência doméstica no país atinge dados alarmantes ao mesmo tempo em que a subnotificação compromete a compreensão do real cenário. O reiterado estupro de uma menina de 10 anos por seu tio, a posterior gravidez e reivindicação de um aborto seguro por parte da família da menina no mês de agosto de 2020 colocaram novamente em questão a disciplinarização e colonização dos corpos das mulheres e a necessidade de um debate franco a respeito da temática.

Luiza Romão, poeta e *slammer* oriunda do movimento de *slams* da cidade de São Paulo, nos apresenta em *Sangria*, seu segundo livro, lançado em 2017 pelo Selo do Burro, nos apresenta uma problematização contundente que responde, de certa forma, às práticas misóginas e machistas que acometem as mulheres brasileiras. Em uma edição bilíngue, português/espanhol, a obra inscreve a poesia de Luiza Romão em contexto latino-americano e deflagra que sim, são todas elas frutos dessa terra invadida e arrasada.

E é a partir de um outro estupro, coletivo e violento, que acometeu uma adolescente de 16 anos no Rio de Janeiro, em 2016, que o poema “Dia 1” abre as portas desse ciclo de transgressão e transformação. Vinculando a “matas virgens” às “virgens mortas”, Luiza Romão evidencia que a “colonização foi pelo útero”, a “colonização foi um estupro” (ROMÃO, 2017, p. 18). Corroborando com a afirmação de Sueli Carneiro de que “a apropriação social das mulheres do grupo derrotado é um dos momentos mais emblemáticos de afirmação de superioridade do vencedor” (CARNEIRO, 2019, p. 314), a autora evidencia esta prática colonial como uma prática que nunca deixou de existir na nossa sociedade: primeiro as mulheres dos povos originários, violadas como se desbrava um novo mundo; depois as africanas trazidas escravizadas, expropriadas de suas terras e corpos e tratadas como propriedade; e atualmente com a sucessiva exploração dos corpos de mulheres e meninas, de quem são também retirados o poder de autodeterminação.

O livro, que tem um formato de calendário, apresenta vinte e oito poemas como num ciclo menstrual, que conta a história do país pela perspectiva do útero, representando o corpo feminino, reiteradamente colonizado e violentado. Junto aos poemas aparecem também vinte e

oito fotos² do corpo da autora atravessado tanto por barbantes vermelhos quanto por objetos metálicos: o barbante simboliza o sangue e o metal a violência que fere, corta e maltrata a subjetividade feminina. São apresentadas também pílulas do dia seguinte (ao todo quatro), que funcionam como cortes narrativos que podem ser explicados como rupturas bruscas: toda vez que a sociedade começa a se conscientizar e caminhar rumo a discursos progressistas, a violência dilacera novamente a história do país e subjuga mulheres, deixando claro que nenhum direito nunca está totalmente estabelecido ou conquistado.

Para Ana Colling (2014), uma série de discursos, tais como o essencialista, o biologizante, o filosófico, entre outros, criaram ao longo do tempo conceitos reducionistas sobre o que é ser mulher e contribuíram para a construção de um pensamento deturpado que nos coloca como essa força indomável e histérica que requer dominação e controle. A disciplinarização, segundo Guacira Lopes Louro (2019), tem ensinado a culpa e o medo, marcando e abjetando corpos considerados dissidentes tais como mulheres, negros, população LGBTQI+ e relegando-os ao silêncio e ao apagamento.

O corpo dos poemas, assim como o corpo da mulher, é constantemente agredido, maltratado e invadido por práticas opressoras. Padres e papas impondo regras, colonizadores, mineradores, homens cordiais, maridos violentos, estupradores, todos estão em *Sangria*, fincando bandeiras, cerceando, invadindo mulheres para tratá-las como objeto: “fomos matéria-prima/corpo-a-prêmio/passatempo de feitor/em nome do pai/ do marido/ e do espírito do pastor” (ROMÃO, 2017, p. 62). Os discursos religiosos, coloniais, do pátrio poder e da misoginia como formas de vinculação da condição feminina à subalternidade, reiterados historicamente, são problematizados nos versos, constantemente rasgados, rasurados e rechaçados pela eu-lírica que procura não apenas dar voz, mas escutar as demandas, as dores compartilhadas e coletivas. Como a menstruação, a potência da poesia de Luiza Romão borra os limites, tensiona os discursos hegemônicos, mancha as normas e revela que esses estereótipos reducionistas não podem mais ditar as regras de como as mulheres devem ser reconhecidas e compreendidas tanto na literatura como na sociedade.

Ailton Krenak nos chama atenção para esse discurso misógino que degrada, que rompe, que dilacera, como se a dominação performance uma masculinidade tóxica violenta, cruel e predatória:

Todas as histórias antigas chamam a Terra de Mãe, Pacha Mama, Gaia. Uma deusa perfeita e infindável, fluxo de graça, beleza e fartura. Veja-se a imagem grega da deusa da prosperidade, que tem uma cornucópia que fica o tempo todo jorrando riqueza sobre o mundo... Noutras tradições, na China e na Índia, nas Américas, em todas as culturas mais antigas, a referência é de uma provedora maternal. Não tem nada a ver com a imagem masculina ou do pai. Todas as vezes que a imagem do pai rompe nessa paisagem é sempre para depredar, detonar e dominar (KRENAK, 2019, posição 277).

A poesia de Luiza Romão nos dá pistas sobre como resistir a esse país que modula discursos de ódio, que se utiliza constantemente de verbos violentos como depredar, detonar e dominar para fazer da violência contra mulheres prática diária. E essa subversão se dá através da exposição das dores, das práticas abusivas, dos estereótipos violentos:

O sangramento, como catarse, resulta num outro tipo de curso da vida, que subverte as violências, apesar de tudo. Ao final da obra somos convidados a pensar numa problematização que leve em consideração a luta como única resposta possível. São versos de legítima defesa,

² As fotos são de autoria do fotógrafo Sérgio Silva e dialogam diretamente com os poemas.

palavra em estado de lança que também corta, machuca, se levanta como revide: “SEI SANGRAR POR MIM MESMA/Meu útero é uma bomba/e não precisa de fósforo/para explodir” (ROMÃO, 2017, p. 103). O levante de um novo mundo, presente nos poemas, funciona quase como um chamamento à ação, e é a construção poética, epistemológica e social de outras práticas, pautadas no acolhimento, na empatia, na escuta sensível, longe do racismo, da misoginia e da opressão.

O chamamento das mulheres enquanto sujeitos discursivos, em lugar de protagonismo de suas próprias vozes, atravessa *Sangria* não como uma lacuna de violência ou uma ferida, mas como antídoto, resposta para os “tempos de muito ódio e ferrugem antiga”, “tempos de muito grito e pouca voz”, “tempos de ritalina amnésia e aspirina” (ROMÃO, 2017, p. 87). *Sangria* se apresenta como representante de uma poesia que se consolida em espaços de afeto e não em espaços de poder. Os poemas se configuram muito além de versos de rebeldia, ou estéticas de grito desmedidas, mas se revelam como ferramentas para novas práticas literárias que trazem para o debate da contemporaneidade questões importantes e caras às mulheres.

O sangramento, coletivo e compartilhado, enuncia um discurso de resistência que borra tanto as calcinhas quanto os limites. O corpo feminino, ressignificado, extrapola a biologia em si e rechaça a teoria essencialista ao se tornar enunciador e enunciante de uma poesia libertária, que empodera a própria palavra poética ao se desvincular de uma tradição canônica eurocentrada e se conectar com o contexto decolonial e latino-americano.

Referências

CARNEIRO, S. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019a, p. 313-321. (Capítulo de Livro)

COLLING, A. M. *Tempos diferentes, discursos iguais: a construção do corpo feminino na história*. Dourados: Ed. UFGD, 2014. (Obra Completa)

CURIEL, Ochy. Construindo metodologias feministas a partir do feminismo decolonial. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. Edição do Kindle. (Capítulo de Livro).

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. *Violência doméstica durante a pandemia de COVID 12*. Ed. 2. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2020/06/violencia-domestica-covid-19-ed02-v5.pdf>. Acesso em 13 ago. 2020.

KRENAK, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. Edição do Kindle. (Obra Completa).

LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade. _____ (org.). In: *O corpo educado: Pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. (Capítulo de Livro)

MIÑOSO, Y. E. Fazendo uma genealogia da experiência: o método rumo a uma crítica da colonialidade da razão feminista a partir da experiência histórica na América Latina. In:

Anais | Latinidades - Fórum Latino-Americano de Estudos Fronteiriços
Actas | Latinidades - Foro Latinoamericano de Estudios Fronterizos
Annals | Latinidades - Latin American Border Studies Forum

Setembro de 2020, Online | latinidad.es
Resumos Expandidos

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. Edição do Kindle. (Capítulo de Livro)

ROMÃO, L. *Sangria*. São Paulo: Selo do Burro, 2017. (Obra Completa)